

## SENTIDOS EM RELAÇÃO AOS ESPAÇOS DESTINADOS AOS SUJEITOS HOMOSSEXUAIS

Alexandre da Silva Zanella  
Doutorado/UFF

Orientadora: Vanise Gomes de Medeiros

Co-orientadora: Lucília Maria Abrahão e Souza

Em nossa tese, cujo quadro teórico-metodológico norteador é aquele dado pela Análise de Discurso de orientação francesa, nos propomos analisar o funcionamento discursivo de portais de notícias on-line para deprender como os sentidos a respeito da denominação *gay-friendly* são mobilizados. O significante *gay-friendly* norteia nosso gesto de construção do *corpus*, uma vez que em nossa contemporaneidade o termo opera um efeito de evidência de que alguns espaços seriam “destinados”, isto é, amigáveis e/ou seguros aos homossexuais.

No tocante a esta apresentação, focamos nos sentidos em relação a segurança que, no jogo discursivo sobre os espaços denominados *gay-friendly*, são materializados. Vale dizer que o que chamamos de ‘segurança’ é entendido como algo livre de perigos, isto é, livre da possibilidade de agressão ou de hostilidade, por exemplo.

Iniciamos trazendo alguns sentidos dicionarizados de *gay-friendly* que tocam na questão da segurança. No dicionário *Oxford* (on-line), o termo *gay-friendly* diz de uma empresa ou ambiente considerado ou tencionado a ser *acolhedor, agradável* ou *seguro* aos homossexuais. Com relação ao dicionário *Longman* (2004), alguns sentidos (em relação a *friendly*) comparecem: uma das acepções (p. 645) diz que o termo significa *não estar em guerra, ou que não se opõe a você*.

A partir disso, passamos a uma sequência discursiva recortada de matéria publicada<sup>1</sup> em 6 de setembro de 2013, no portal de notícias on-line *GI*:

SD1: Enquanto houver preconceito contra gays no país, será necessário ter hotéis, companhias aéreas e passeios que se declarem

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2013/09/gay-quer-ser-bem-tratado-nas-ferias-diz-lider-de-orgao-de-turismo-gls.html>>. Acesso em: 16 ago. 2014.

---

amigáveis a esse público, para que eles tenham **garantia de que serão bem tratados** durante as férias, defende a presidente da Associação Brasileira de Turismo para Gays, Lésbicas e Simpatizantes (Abrat GLS), Marta Dalla Chiesa. (G1, 6 set. 2013, negritos nossos).

Nesta SD, produz-se uma evidência de que (para haver) o ‘bom tratamento dos gays’ (há) *demanda* (de) ‘hotéis, companhias aéreas e passeios que se declarem amigáveis’ *porque* ‘há preconceito no país’ (no Brasil) numa certa temporalidade, como poderíamos glosar. Isso que se marca no fio do discurso são efeitos ideológicos que estabelecem estas (e não outras) relações de sentidos: o sujeito jornalista significa nessas condições determinadas e a forma como é atravessado pela ideologia, que constitui seu dizer, se atualiza naquilo que diz, ou, aliás, em um seu “saber/poder/dever dizer” (ORLANDI, 2010, p. 53).

São as condições determinadas do dizer do sujeito jornalista que fazem com que uma relação de demanda naquela SD se construa: para que o sujeito homossexual seja bem tratado, é preciso que haja hotéis, companhias aéreas e passeios (que se declarem) amigáveis. Os efeitos de evidência que sustentam essa posição são produzidos também em outra sequência discursiva da mesma matéria:

SD2: Desde 2004 [...] a Abrat GLS cadastra empresas que queiram receber o selo “gay-friendly”. Elas **assinam um termo de ética se comprometendo a atender esse público sem preconceito**. Para Marta Dalla Chiesa, muitos gays dão **preferência a esses lugares para evitar situações desagradáveis**. (G1, 06 set. 2013, negritos nossos, aspas do autor).

Podemos compreender, a partir desta SD, que “hotéis, companhias aéreas e passeios que se declarem amigáveis” (SD anterior) aos sujeitos homossexuais estão inscritos no que é produzido como sendo ‘empresas *gay-friendly*’. Funcionam, pois, como partes constituintes de um conjunto que é enredado circunscrevendo espaços imaginários nos quais os sujeitos homossexuais poderiam ter suas práticas sociais. Mas enquanto um hotel tem uma marcação física delimitada, companhias aéreas e passeios não a têm da mesma forma. Isso contribui para uma posição que assumimos em nosso trabalho em relação ao espaço: a de que dizer *gay-friendly* não implica dizer necessariamente de espaços físicos delimitados, mas também de práticas dentro desses limites espaciais, tal como a prática empresarial que oferece serviços.

---

Materializam-se na SD2 ao menos duas acepções de *gay-friendly* encontradas no dicionário *Oxford* (on-line): a de se tratar de i) uma *empresa* que tenciona ser ii) *acolhedora, agradável, segura*, ou, pelo deslizamento do significante, *amigável* aos sujeitos homossexuais. E, na primeira SD, ser *amigável* significa não haver “preconceito contra gays”.

Em ambas as SDs apresentadas podemos compreender como efeitos de sentidos produzidos circundam uma questão de segurança dos/para os sujeitos homossexuais. Na primeira, isso se materializa quando é dito que a demanda por hotéis, companhias aéreas e passeios é a de ter “garantia de que [os gays] serão bem tratados [...]”. Ou seja, um espaço *gay-friendly* asseguraria a não hostilidade. Na segunda SD, por sua vez, essa questão se mostra quando é dito que as empresas “assinam um **termo de ética** se **comprometendo** a atender esse público sem preconceito”. Se é preciso ‘declarar-se amigável’ para garantir que os gays serão bem tratados ou se é necessário assinar um termo de ética, um documento no qual há um código de conduta para as práticas de uma empresa para atender homossexuais sem preconceito, isso significa que os homossexuais não são bem tratados. Poderíamos nos questionar se os espaços que não são *gay-friendly* carecem de algum “selo” ou termo de ética que os identifique como amigáveis a sujeitos heterossexuais. (A resposta certamente seria não.)

Além disso, um equívoco é materializado em SD1. Na esteira de Ferreira (2000), entendemos equívoco como o lugar onde a língua se choca com a história, desestabilizando o princípio de univocidade da primeira. O equívoco manifesta-se por meio dos lapsos, das falhas, dos deslizamentos de sentido, afetando a regularidade do sistema da língua, permitindo que um enunciado possa tornar-se outro, como lemos em Pêcheux ([1975] 2009). Ao dizer que os gays querem ter a garantia de que serão “bem tratados **durante as férias**”, a preposição – “durante” – marca o tempo de duração das férias. Os efeitos de sentidos de segurança produzidos ficam, portanto, restritos, encapsulados no tempo de um mês; ficam equivocados pela traição da preposição que circunscreve o que é dito e põe o dizer em tensão: nos outros 11 meses do ano o homossexual não quer ser bem tratado?

Vamos nos voltar sobre os não-ditos. Consoante Orlandi (2010, p. 82-83):

[...] há sempre no dizer um não-dizer necessário. Quando se diz “x”, o não-dito “y” permanece como uma relação de sentido que informa o

---

dizer de “x”. [...] o que já foi dito mas já foi esquecido tem um efeito sobre o dizer que se atualiza em uma formulação.

Para analisarmos como esse não-dizer retorna sobre o dito, recortamos da SD2 o enunciado: “muitos gays dão preferência a esses lugares [*gay-friendly*] para evitar **situações desagradáveis**”. Compreendemos que esse enunciado acena para uma tensão que se instaura a partir do que é dito, isto é, do que é materializado em SD2, em confronto com um não-dito que se sustenta, por sua vez, no interdiscurso. Embora ausente no intradiscursivo, o não-dito produz efeito no que é dito. Desse modo, que não-dito é materializado ao dizer que os gays querem ‘evitar situações desagradáveis’? De que situações desagradáveis se trata? Desagradáveis para quem?

Ao se produzir um efeito de sentido de que há uma demanda por espaços *gay-friendly* para evitar situações desagradáveis, isso implica um outro efeito de sentido: o de que os outros espaços são *não-gay-friendly*, ou seja, são *gay-unfriendly* – não agradáveis, não amigáveis, não seguros, não acolhedores, não propícios para os homossexuais. Espaços a não se frequentar por esses sujeitos. Mas dizer ‘situações desagradáveis’ implica, ainda, não dizer outros significantes fora desse encadeamento parafrástico. Uma situação desagradável para um homossexual pode significar, historicamente, uma posição de sujeito na qual ele é, conforme as reflexões de Foucault ([1976] 2015) e Eribon (2008), afetado (falado) pelo discurso homófobo do outro, ou na qual é posto em posição inferiorizada em relação à heterossexualidade, na qual ouve injúrias e nomes, tem de refugiar-se longe da família e das outras relações sociais mais próximas para escapar da hostilidade, na qual é agredido, é morto; e isso até mesmo em espaços denominados *gay-friendly*.

Pela posição discursiva que assume numa determinada formação discursiva, o sujeito jornalista vinculado ao portal de notícias on-line *GI* não presentifica, em SD2, esses sentidos outros. Todavia, eles retornam como um pré-construído – os homossexuais não estão em segurança –, como algo que fala antes e alhures e que, mesmo por sua ausência, sustenta o dizer. Aliás, é somente porque há o interdiscurso que dizer “evitar situações desagradáveis” é possível.

Se dizer ‘situações desagradáveis’ é não dizer tantos sentidos outros, essa tensão, entretanto, é ‘resolvida’ pela existência de uma empresa – a Abrat GLS – que atuaria para dar segurança aos homossexuais. Deste modo, para a ‘situação

---

desagradável’ bastaria a filiação de empresas e serviços. Assim produz-se um efeito de que é o mercado que salvaguarda os sujeitos homossexuais.

O efeito de sentido de que espaços *gay-friendly* estão vinculados à segurança comparece também em matéria publicada<sup>2</sup> pelo portal de notícias on-line *Terra*, da qual recortamos a próxima SD. Na matéria, é dito, de modo geral, como o Uruguai tem atraído turistas homossexuais a partir da adoção, por parte de empresas e do governo uruguaio, de posicionamentos, nas palavras do postal, mais “‘*gay-friendly*’ (amigáveis ou tolerantes com os homossexuais)”.

SD3: Sinal desse interesse [no “setor gay”], foi a inauguração, no fim de 2011, no exclusivo balneário Punta del Este de um **hotel onde os homossexuais são bem vindos** [sic] [...]. (Terra, 2012?, negritos nossos).

Os efeitos de sentidos produzidos em SD3 indicam que o “interesse” no “setor gay” se dá a partir da inauguração de um hotel para um “público homossexual”. Tal interesse se comprovaria porque naquele hotel eles seriam *bem-vindos*, e este significante diz dos sentidos em relação à segurança<sup>3</sup>: dizer bem-vindo é dizer também chegar a salvo, ser bem acolhido, bem recebido, bem-aceito. Esses deslizamentos – que formam uma cadeia de sentidos de positividade – falam sempre em relação ao e sobre o sujeito, de modo que, por meio de uma empresa, é possível ao homossexual ser reconhecido como *sendo sujeito*.

Não obstante, trata-se de um reconhecimento cerc(e)ado: não podem ser bem-vindos em todos os espaços, mas apenas naqueles onde cabem. Deste modo, é possível compreender como, tanto no discurso do portal de notícias on-line *GI* quanto no do *Terra*, os sentidos em relação a segurança, no que diz respeito aos sujeitos homossexuais, repetem-se: são determinados pelo mercado e marcam espaços onde se circunscreve uma vivência de sujeitos homossexuais. Zoppi-Fontana (2003), ao trabalhar os sentidos de cidade e espaços urbanos, escreve:

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://vidaestilo.terra.com.br/turismo/uruguai-atrai-cada-vez-mais-turistas-homossexuais,934a392625237310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 18 out. 2016.

<sup>3</sup> Em Houaiss (2009, digital), o termo ‘bem-vindo’ tem as seguintes acepções: “adjetivo 1 que chega ou chegou bem, **a salvo**; 2 **bem acolhido** à chegada; **bem recebido**; 3 **bem-aceito num grupo**, numa **comunidade** etc.; Ex.: *estranhos não são b. nesses lugares*; substantivo masculino Uso: informal, jocoso. 4 **aquele que paga** ou que **dá dinheiro** (HOUAISS, 2009, digital).

---

Se a cidade significa, isto é, se um conjunto de escanções do espaço urbano é **interpretado como sendo “a cidade” ou “o lugar (de) X na cidade”**, é porque **as representações desses espaços fazem sentido para o sujeito**, elas ressoam em um concerto de significações e significantes presentes como memória discursiva. Neste sentido, a “cidade” (e seus espaços) não refere a um domínio de objetos definidos empiricamente, mas a um domínio de significação, **que permite ao sujeito se situar no mundo porque se situa no mundo das significações, isto é, se reconhece e se movimenta nas diversas posições de sujeito que configuram a memória discursiva.** (ZOPPI-FONTANA, 2003, pp. 246-247, negritos nossos).

Desse fragmento, depreendemos que o lugar dos sujeitos homossexuais na cidade passa pelo que esses espaços representam, isto é, como fazem sentido para esses sujeitos. A cidade e os espaços urbanos não são nem puramente físicos nem, muito menos, empíricos; são efeitos de sentidos sobre espaços que podem ou não afetar os sujeitos. Por outro lado, quando capturados pelo discurso jornalístico on-line, os espaços da cidade vão sendo (res)significados. O discurso jornalístico é parte do *mundo das significações* e, como tal, produz sentidos que movimentam o interdiscurso. Assim, os espaços dos/para os sujeitos homossexuais na cidade vão sendo revestidos de sentidos.

Passemos finalmente à próxima sequência discursiva, recortada de matéria publicada pelo portal de notícias on-line *Rede Brasil Atual* em 13 de junho de 2015:

SD4: Pelo senso comum, **mesmo em regiões *LGBT friendly***, como o entorno da Avenida Paulista, na região central de São Paulo, **expressões públicas de homoafetividade já não são algo lá muito fácil**. Imagine, então, em bairros mais afastados. (RBA, 13 jun. 2015, negritos nossos).

O processo discursivo nessa SD joga com sentidos produzidos a partir de uma posição discursiva determinada “pelo senso comum” do que seria um conjunto de espaços *LGBT friendly* – é possível depreendê-lo, no recorte, como “o entorno da Avenida Paulista, na região central de São Paulo” – e de como esses espaços funcionam em relação a outros que não são considerados, ao menos não de forma naturalizada, *friendly* – isto é, “bairros mais afastados”.

Outro dos sentidos mobilizados em SD4 é o de que “mesmo [nesses espaços “*LGBT friendly*”], expressões públicas de homoafetividade já não são algo lá muito

---

fácil”, efeito que é tomado também como sendo da posição do senso comum. Mas o que entra em questão quando se diz que, mesmo em lugares supostamente *friendly* para sujeitos LGBT, expressões de afetividade não são ‘algo muito fácil’?

Consideramos que aqui o interdiscurso opere sentidos que marquem, no dizer do portal de notícias, outros não-ditos. Se se diz que expressar a homossexualidade não é algo muito fácil em espaços onde essa prática deveria ser assegurada, é porque há alguma outra coisa, isto é, um “algo” que “fala sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente”” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 149) que não é posto em cena no efeito de transparência do discurso. Podemos depreender que esses não-ditos se refiram, por exemplo, aos casos de ataques homofóbicos ocorridos no entorno da Avenida Paulista, em São Paulo, cujo caso mais emblemático foi o dos sujeitos agredidos com lâmpadas fluorescentes em 14 de novembro de 2010. Em resumo, no dizer da SD4 materializa-se que há agressões aos sujeitos LGBT, seja em espaços “legitimados” para eles ou não, seja em maior ou menor grau.

Consideramos que ao dizer que as “regiões *LGBT friendly*” (SD4) são significadas “pelo senso comum”, isso aponta para uma contraidentificação com o discurso mercadológico. Embora utilize uma nomenclatura cujo funcionamento é atravessado por um discurso no qual o consumo é determinante, o sujeito jornalista que habita a formação discursiva do portal de notícias *RBA* incide sobre o próprio significante, recobrando a sua historicidade – dizer *LGBT* ao invés de apenas *gay* – e marcando o distanciamento do discurso-outro que afeta a materialidade significante.

Dessa forma, os sentidos em relação à segurança dos sujeitos homossexuais, no que concerne aos espaços que lhes cabem, são problematizados. Na mesma matéria, lemos como é dito que jovens das periferias de São Paulo estão ocupando os espaços também periféricos para assim atuarem politicamente pela conquista do direito sobre os espaços públicos.

São esses processos de identificação (com uma formação discursiva em detrimento de outra, ou com uma posição de sujeito numa dada FD) que dizem também dos sujeitos jornalistas em suas relações com os dizeres.

Para concluir, consideramos que nossas análises, para além dos efeitos de sentidos que pudemos depreender, acenam sempre para um *algo que fala* sobre os sujeitos homossexuais em relação ao espaço urbano: na borda dos dizeres, tocamos,

---

quase que invariavelmente, na questão do mercado. E esta é outra questão que nos move.

## Referências

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Trad. Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

FOUCAULT, Michel. (1976). *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 2009. Versão digital.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

OXFORD DICTIONARIES. On-line. Disponível em: <<http://www.oxforddictionaries.com/us/>>. Acesso em mar. 2016.

PEARSON EDUCATION LTD. *Longman dictionary of contemporary English*. 3. ed. Harlow, Inglaterra: Pearson, 2004. 1950p.

PÊCHEUX, Michel. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

ZOPPI-FONTANA, Mônica G. Identidades (in)formais: contradição, processos de designação e subjetivação na diferença. *Organon*. Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 101-121, 2003.